

O Itinerário feminino e o ouro na Amazônia: Situações e condições de trabalho de mulheres nos garimpos do Tapajós.

Thaissa Cristina Neres Ribeiro (UFOPA)^{1*}

RESUMO

Esta pesquisa é uma análise de um dos fenômenos socioeconômicos, culturais e ambientais da Amazônia, com enfoque voltado para o itinerário das experiências de mulheres que se encontram inseridas nas atividades que envolvem a extração de ouro na região tapajônica. Com o intuito de identificar suas condições de trabalho, funções desempenhadas e estratégias de adaptação frente a uma carência de subsistência que não é suprida devido às circunstâncias que a garimpagem carrega causando essa intensa precariedade sobretudo econômica que permeia as realidades femininas no âmago do garimpo. As análises revelaram que essas mulheres enfrentam condições de trabalho árduas e frequentemente perigosas, confrontando uma série de desafios e vulnerabilidades singulares. Diante deste cenário, a escolha de uma abordagem metodológica qualitativa composta por entrevistas semiestruturadas foram aplicadas para os registros de narrativas biográficas para a coleta desses dados. Contudo a carência de debates abertos sobre questões de gênero no âmbito da mineração, especialmente na extração de ouro, ressalta uma lacuna significativa de percepção que demanda atenção. Este hiato contribui para a invisibilidade das desigualdades de gênero presentes nesse contexto laboral, onde as mulheres se deparam com desafios distintos e específicos do ambiente onde vivem. Assim, a ampliação desta discussão contribui para uma compreensão mais profunda e abrangente das dinâmicas de gênero na mineração aurífera na Amazônia. Ademais, considera-se necessário o desenvolvimento de políticas públicas e iniciativas que promovam a igualdade de gênero e melhorem as condições de trabalho e qualidade de vida das mulheres envolvidas na esfera da extração do ouro.

Palavras-chave: Mulheres. Trabalho. Garimpo.

^{1*} Acadêmica de graduação do curso de Antropologia na Universidade Federal Do Oeste do Pará.
taissacris.com@gmail.com

Orientanda da prof.^a Luciana Gonçalves de Carvalho, Doutora na Universidade Federal do Oeste do Pará.
luciana.gdcarvalho@gmail.com

O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (PVCS560-2022)

Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

ABSTRACT

This research is an analysis of one of the socioeconomic, cultural and environmental phenomena in the Amazon, focusing on the itinerary of the experiences of women who are involved in activities involving gold extraction in the Tapajón region. With the aim of identifying their working conditions, functions performed and adaptation strategies in the face of a lack of subsistence that is not met due to the circumstances that mining entails, causing this intense precariousness, especially economic, that permeates the female realities at the heart of mining. Analysis revealed that these women face arduous and often dangerous working conditions, confronting a range of unique challenges and vulnerabilities. Given this scenario, the choice of a qualitative methodological approach composed of semi-structured interviews was applied to the records of biographical narratives to collect this data. However, the lack of open debates on gender issues in the context of mining, especially in gold extraction, highlights a significant gap in perception that demands attention. This gap contributes to the invisibility of gender inequalities present in this work context, where women face challenges that are distinct and specific to the environment in which they live. Thus, expanding this discussion contributes to a deeper and more comprehensive understanding of gender dynamics in gold mining in the Amazon. Furthermore, it is considered necessary to develop public policies and initiatives that promote gender equality and improve the working conditions and quality of life of women involved in the sphere of gold extraction.

Keywords: Women; Work; Mining.

1. INTRODUÇÃO

A referente pesquisa tem como finalidade expor os itinerários femininos e suas relações com o extrativismo mineral, na bacia do Tapajós. Com base na experiência do campo etnográfico do projeto de Programa de Bolsas de Iniciação Científica sob a temática de trabalho - Situações e condições de trabalho de mulheres nos garimpos do Tapajós - cujo objetivo ocasiona a identificação de cenários de exploração do trabalho feminino analisando as trajetórias e modos de vida das mulheres que atuam ou atuaram em regiões garimpeiras na região do Tapajós, na Amazônia. Essas mulheres desempenham uma variedade de atividades laborais nesses locais. Tendo como foco principal identificar as situações e condições de trabalho das mulheres que atuam nos garimpos, as funções que desempenham e detalhar as condições associadas a essas atividades. Isso incluiu aspectos como os horários de trabalho, os locais onde realizam suas tarefas, o sistema de remuneração ao qual estão sujeitas, a hierarquia existente nesses ambientes e outros aspectos relevantes para compreender a realidade das mulheres que trabalham nesse setor.

É ressaltado que a concepção de gênero é um tema debatido em diversos campos, porém, no setor da mineração, ainda não há uma discussão ampla sobre o assunto. Existe uma invisibilidade significativa em relação ao trabalho das mulheres nos garimpos. Apesar do senso comum associar as mulheres nesses espaços à prostituição, elas desempenham uma ampla gama de atividades produtivas. É importante notar que essa diversidade de funções das mulheres na atividade de garimpagem não é amplamente divulgada à sociedade. Como mencionado por (CARMEN; FERNÁNDEZ, 2006, pág. 43) as mulheres sempre tiveram papéis importantes na história da exploração mineral, o que destaca a presença feminina nesse setor ao longo do tempo.

CENÁRIO DE ESTUDO

O local de estudo concentra-se na comunidade autodenominada São José, situada no distrito do município de Jacareacanga, no sudoeste do estado do Pará. A comunidade é situada às margens do Rio Pacu e leva diretamente à estrada que atravessa toda a localidade. A história de origem de São José é vaga. Os poucos relatos dos moradores mais antigos indicam que o local começou a se formar devido às expedições em busca de ouro, originando os baixões e a currutela. Estima-se que a comunidade tenha mais de

cinquenta anos de história. Com o esgotamento das jazidas de ouro, o lugar foi se tornando mais pacato nas últimas duas décadas.

A inserção no campo iniciou com o deslocamento da referida autora deste artigo no dia 15 de Novembro de 2023. Desloquei-me da rodoviária da cidade de Santarém no estado do Pará às 10h30 da manhã com destino ao município de Itaituba. Cheguei às 4h da manhã do dia 15 na rodoviária e esperei o ônibus das 9h da manhã com destino ao município de Jacareacanga. Com uma hora de atraso, desloquei-me pela única empresa rodoviária que faz linha para o município, a empresa de ônibus Buburé. Cheguei em Jacareacanga às 18h da tarde do mesmo dia. Como os únicos horários de travessia para as comunidades via fluvial são possíveis apenas pela manhã, hospedei-me em Jacareacanga, saindo às 11h do dia 16 de Novembro para a comunidade São José, pela Agência de transporte do senhor proprietário João Muiçu.

O percurso normalmente segue de duas a três horas, dependendo do nível de água dos rios. Existem duas opções de travessia que variam conforme a estação: verão e inverno. No inverno, a saída do município de Jacareacanga até a comunidade é realizada unicamente por voadeira. No entanto, no verão, devido à seca dos rios, parte da travessia é feita por voadeira e, no limiar dos rios Tapajós e Pacú, a voadeira é atracada alguns metros antes de chegar à margem do rio Pacu, e o trajeto continua via terrestre em um veículo D-20. A partir desse ponto, é mais uma hora de viagem. Todavia, nem todas as agências seguem esse padrão, mas essa forma de viagem é mais rápida e segura. Não é muito recomendável atravessar os dois rios em tempo de seca, pois além de levar praticamente um dia de viagem, os riscos de encalhar ou colidir em uma das inúmeras rochas espalhadas pelo rio Tapajós são bastante prováveis. Durante o trajeto, há várias fazendas e aldeias indígenas de ambos os lados do rio Tapajós. Onde a voadeira é atracada, não há um nome propriamente dito; é apenas chamado de "boca". Conta com um casarão de madeira que hoje é alugado como estadia para funcionários de uma empresa madeireira instalada no local nos últimos dois anos.

COLETA DE DADOS

As entrevistadas todas são moradoras da região e algumas moram fixamente na currutela ou nos baixões. Parte desses dados foram coletados nos baixões chamados Pimenteira, Paxiúba e Porto Seguro.

A observação é um elemento fundamental na pesquisa, especialmente com

enfoque qualitativo. Ela está presente desde a formulação do problema, passando pela construção de hipóteses, coleta, análise e interpretação dos dados. Em suma, a observação desempenha um papel imprescindível em todo o processo de pesquisa. (Queiroz DT, Vall J, Souza AMA, Vieira NFC, 2017) a abordagem da coleta de dados foi baseada na observação participante de maneira qualitativa e etnográfica, a pesquisa foi conduzida por meio de entrevistas semi estruturadas e registros de relatos biográficos. Apesar de muitos moradores mostrarem - se receosos e curiosos, o alvo foram as moradoras que estivessem em contato direto ou indiretamente com a garimpagem do ouro no local.

ANÁLISES DE DADOS

As condições de trabalho e funções exercidas das mulheres nos garimpos da região do Tapajós são diversas, com cada uma delas desempenhando funções específicas e enfrentando situações particulares. Serão descritas as funções exercidas, incluindo as condições de trabalho, os tempos e locais de atuação, a remuneração e as relações de hierarquia. Sendo tais funções auto definidas pelas próprias mulheres que contribuíram para esta análise. As chamadas garimpeiras, outrora mineradoras, atuam diretamente na extração do ouro juntamente com os outros garimpeiros. Elas trabalham ao ar livre, expostas às intempéries, incluindo o sol, a chuva e o calor intenso. Em contraste, as ferramentas utilizadas são geralmente apropriadas para o trabalho manual. Vale ressaltar que com o avanço da tecnologia mulheres trabalhando em máquinas PC escavadeiras ainda não é visto. Então, o trabalho é o chamado manual, serviço braçal. Uma das entrevistadas descreve o trabalho manual como:

“era assim ... era uma lontrona... uma caixona e os caras ia cortando o barro, uma bica jogando água naquela caixa e lá na cabeceira da caixa... tava os carpetes que era onde se segurava os ouros com o azogue...” (I.V nov.2023)

Em outro relato, a entrevistada comenta que “[..] dentro do garimpo trabalho manual... sei mergulhar. Trabalho em máquina também. Sei trabalhar na maraca, bico de jato ... tudo eu sei” (M.R, nov.2023). As jornadas de trabalho são extenuantes, começando ao nascer do sol e se estendendo até o final do dia. As atividades ocorrem principalmente nas frentes de extração, áreas de escavação e processamento do minério. A remuneração dos garimpeiros depende da porcentagem de negociação entre o patrão e os trabalhadores, bem como da quantidade de ouro extraído. Em muitos casos, o pagamento é feito em ouro, deixando o garimpeiro responsável por negociar a venda do seu próprio trabalho

com compradores de ouro nas corrutelas. As garimpeiras geralmente trabalham sob a supervisão dos donos dos garimpos ou de um gerente, quando presente. Em algumas situações, elas podem atuar de forma independente em pequenos grupos ou individualmente, realizando o chamado “reco”, que consiste na extração de pequenas quantidades de ouro que restam após a principal atividade de extração, sem estar vinculadas a um barracão específico. Geralmente, essa prática ocorre em terras ou barracões abandonados que já foram explorados ou após a conclusão das atividades, desde que haja permissão do proprietário do barracão.

Portanto, a função mais comum é a de cozinheira. A atuação de uma cozinheira em um barraco está diretamente ligada ao número de trabalhadores e à situação financeira do dono do barracão, que determina as condições de trabalho em que as cozinheiras irão operar. As cozinheiras recebem um salário mensal baseado na produtividade, no número de garimpeiros, no tamanho da máquina de extração e na qualidade do ouro extraído. Quanto mais puro o minério, mais valorizado é, sendo essencial para determinar o valor da venda por grama. Em média, conforme os relatos, a remuneração mensal equivale a cerca de 20 gramas de ouro. O trabalho é realizado em cozinhas improvisadas, feitas de lonas, ou em barracões de madeira que abrigam a cantina, composta pela cozinha e área de refeições. As jornadas começam antes do nascer do sol para garantir que o café da manhã esteja pronto quando os trabalhadores acordarem. Geralmente, as cozinheiras iniciam suas atividades por volta das 04h da manhã e se estendem até a preparação do jantar, por volta das 18h ou 19h. Além disso, elas são responsáveis por todas as refeições dos trabalhadores, pela limpeza da cantina e pela manutenção do entorno do barracão. Nisso, entrevistadas relatam sobre as diferenças nessa rotina nas últimas décadas:

“[...] hoje em dia cozinheira se acorda de manhã ... eu me acordava era 02h da manhã ... fazia o café com a bolachinha ali ... aí voltava pra dormir de novo porque tinham que bater água ... tu só vinha de 15 em 15 dias na corrutela porque terminava os barrancos... vinha todo mundo ... não ficava ninguém no barraco ... hoje em dia todo garimpeiro tem uma moto ... antigamente tinha que pagar uma pra sair do baixão” (T.M nov.2023)

Em outro relato a entrevistada narra:

“[...] antigamente cozinhas na lenha, tinha tudo isso né ...tinha que carregar água, hoje tu vai nos barracos é água encanada, tem gás, tem geladeira, tem internet praticamente em todos os barracos então hoje nossa assim ... antigamente eu carregava um carote de óleo nas costas, hoje a P.c. vai levar o óleo lá no motor pros caras ... então hoje tanto pros garimpeiros quanto pras cozinheiras tá muito bom ...” (T.C, nov.2023)

As instalações para descanso são separadas dos garimpeiros, onde elas têm seu Fuscão que consiste num um local privativo improvisado de lona e afastado do cantina. Há outras que cozinham fora dos barracos nos baixões que devido aos investimentos de garimpeiros proprietários de máquinas maiores também são donos de comércios dentro da corrutela que vendem de alimentos, bebidas, combustível a peças de motor. Então os donos mantêm uma cozinheira apenas para os seus funcionários fixos da loja. Como uma entrevistada relata:

“[...] trabalhei doze anos ... não tem o que falar, era pessoas boas que sempre acertaram tudo direitinho, então né não tenho do que me reclamar, sempre foi muito justo” P: Como era a forma de pagamento? Era dinheiro? Entrevistada: “sim, sempre” (T.C, nov.2023).

Entretanto, algumas cozinheiras exercem uma segunda função cujas são de lavadeiras, onde elas lavam a roupa dos garimpeiros em açudes ou riachos próximos, no tradicional lavar à mão, e recebem fora a parte diretamente do trabalhador. As próprias estipulam o preço pelo serviço e a forma de pagamento. Trabalham de forma relativamente independente, mas dependem dos garimpeiros para obter trabalho contínuo. As cozinheiras/lavadeiras respondem diretamente aos administradores do barraco ou aos próprios garimpeiros que contratam seus serviços.

Entretanto, há aquelas que administram pequenos empreendimentos, sendo eles (bares, restaurantes, boates, lojas de roupa, de perfume, cama, mesa e banho, mercadinhos ou barracas de lanches ou marmitas). Operam em horários independentes. Os lucros são variáveis, dependendo das vendas diárias. E principalmente, das despescagem dos barrancos e as flutuações no preço do ouro impactam diretamente seus rendimentos. O Fiado (o ato de comprar e pagar depois) é uma prática comum nas vendas, principalmente em se manter uma clientela fixa. Geralmente, são autônomas onde podem receber ajudas dos filhos, marido, amigos.

Uma das entrevistadas donas de um dos bares da comunidade relata:

“[...] Quando eu morei no Ouro roxo trabalhei com lanche né, vendia espetinho e lanche que o que tinha era salgado e essas coisas ... aí depois que fechou, a gente veio pra cá ... e daí alugamos o bar que é onde eu tô aqui hoje e aí continuei vendendo bebida ... é aqui onde eu ganho dinheiro né ... Meu maior desafio é que é vida de bar, sabe como é que é, né? Você passa muito sono? Ter esse estresse não tem jeito. Então para mim é um desafio a cada dia” (F.P, nov.2023)

Já as chamadas “sacoleiras” são vendedoras ambulantes que muitas vezes passam um determinado período no garimpo vendendo produtos de cama, mesa e banho, que pra

se comprar é necessário “trazer de fora”, ou seja comprar na cidade mais próxima ou como se mostrou comum, cidades como Manaus - AM e Goiânia - GO, então as vendas são bastante lucrativas, saem de porta em porta oferecendo seus produtos, geralmente em fins de semana em que tem maior fluxo de circulação dos garimpeiros ou fazem vendas se deslocando diretamente aos baixões nos dias da semana onde os garimpeiros trabalham e residem. Outras mulheres se fixam na corrutela, criam moradia e continuam com as vendas na própria casa e continuam as vendas pela rede de clientes que se formam ali. Geralmente dependendo dos produtos que vendem, elas viajam para comprar mais mercadoria. Outras vivem da venda dos produtos exibidos nas revistas Avon, Boticário, Natura. Fazem rifas, bingos desses produtos e assim seguem em seus métodos do “ganha pão”.

O papel da mulher na cultura garimpeira é multifacetada e vai além da perspectiva limitante da prostituição, que frequentemente é generalizada. Nem todas as mulheres que vivenciam o ambiente garimpeiro desempenham esse papel. As intituladas “meninas da boate” carregam percursos adversos em circunstâncias de ignorância a tal intenção de se envolver em situações de exploração sexual. No caso dessa entrevistada temos o seguinte relato:

“[...] tinha 18 anos quando fui pro garimpo a primeira vez ... fiquei um ano e pouco... por mim mesma, ninguém quis me levar, ai eu fui pra fazer programa no garimpo”

P: Mas, você recebeu ajuda, tipo como funcionava?

Entrevistada: “uhum... ai essa pessoa falou... era um homem, ele foi e me falou... lá no garimpo vai muita mulher... tem cozinheira mas só que tem muita mulher que vai pra ficar com homem e ganha dinheiro... eu falei... rapaz, do jeito que eu tô aqui eu topo... com medo eu vou ... vou assim mesmo... passei cinco anos lá, mas fiz programa ... três meses... aí fui na vaga de cozinheira e saí do cabaré... era uma senhora... era bem tratada ... era oito meninas ... tudo maior de idade ... lá tinha cozinheira, lavadeira de roupa... tudo a gente tinha lá”(T.M, nov 2023)

Em resumo, essas mulheres se inserem nesse intrincado contexto de risco inicialmente nos estabelecimentos noturnos e posteriormente conseguem uma posição como cozinheira em alguma estrutura precária, ou estabelecem uma parceria com um garimpeiro que quita suas dívidas com o proprietário da boate. Em certos casos, a mulher parte nesta jornada ciente da atividade que irá desempenhar e ao chegar ao local, liquida suas pendências financeiras, seja por intermédio próprio ou de algum garimpeiro parceiro e busca outras atividades de trabalho. Neste relato a entrevistada expressa como uma situação de vulnerabilidade a levou a uma boate:

“[...] naquele tempo as mulher ficavam besta ... eu besta na capital ... a mulher chegou era vizinha minha, a mãe dela chegou assim ... Maria de Fátima chegou ... mulher muito bonita, muito sorridente e falou pra mim que trazia umas mulher pro garimpo pra trabalhar lá em altamira, trabalhar num bar ... eu besta ... quando foi de manhã dia 8 de outubro, dia de domingo ... de manhã ela chegou com dois táxis na porta da mãe dela, as outras amigas minhas tava tudo lá, então embarcamos nos táxis pra cada uma uma passagem ... dizendo que a gente não conhecia ela ... na saída do ônibus ninguém conversa... e assim nós fizemos. A Vinhemos sete... quando chegamos viajando o dia todo ... chegamos em imperatriz era umas 22h da noite... fomos pro hotel, tomar banho e jantar... depois a mulher chamou nós e fez uma reunião... aí a mulher foi explicar o que que era pra fazer... mas aí já era tarde demais ... cheguei em altamira ... com meus 21 anos né ... dia 10 de outubro ... ai fui pro salão de meio dia a tarde ... não me acostumei com a situação ... com 60 dias que tava em altamira chegou um homem daqui do São José de nome padeiro atrás de mulher pra cozinhar no garimpo ...embarquei na D20 pra Itaituba ...cheguei em Jacareacanga pro dia 12 de dezembro, três da manhã ...” (I.V, nov.2023).

P: Quando a senhora veio para cá, ela deixou a senhora sair assim...?

Entrevistada: “deixou porque eu não devia p’ra ela ... eu tinha muito móvel e vendi parte dos meus móveis e entrei nessa e paguei minha passagem ... por isso eu não era presa nas unhas dela ... eu vim pra trabalhar com ela no bar, mas vim com o meu dinheiro.” (I.V, nov.2023).

P: Mas e as outras moças, ficaram endividadas com ela?

Entrevistada: “ê ... trouxe duas pra cá ... uma chegou aqui e aprontou e teve que voltar pra Altamira, quando chegou em altamira matou um policial, fugiu ... mataram ela na estrada... a outra se amigou e foi ... pra uma cidadezinha ... e as outras duas voltou pra São Luís ... uma se amigou na colônia... eram tudo pobre do bairro tinham nem roupa...”. (I.V, nov.2023).

Essas estratégias são formas de ingresso no garimpo. A questão da prostituição nos garimpos é complexa e delicada. Rotular a prostituição como uma “função” envolve elementos sociais, econômicos e de gênero. Conforme relatado, a exploração sexual decorre da vulnerabilidade, desigualdade e da escassez de opções para muitas mulheres que se aventuram nesse universo garimpeiro. A prostituição não pode ser simplificada como uma mera forma de trabalho, mas também é vista como escolha em alguns contextos. No entanto, há situações em que deixa de ser uma escolha consciente para se tornar uma forma de exploração sexual de mulheres vulneráveis, que se veem em circunstâncias desconhecidas e desfavoráveis.

A partir destas análises, foi observado que o itinerário dessas mulheres carrega consigo uma diversidade de motivações, as quais emergiram das circunstâncias em que estavam inseridas. A busca por rentabilidade predomina na principal motivação. A necessidade de prover sustento para si e seus componentes familiares exerce influência crucial no processo de migração para as áreas garimpeiras. A vulnerabilidade socioeconômica se mostra o elo para as vivências com a extração do ouro. Algumas também enxergaram no garimpo o ensejo de se obter uma autonomia e empreender em atividades comerciais, buscando independência financeira.

Esta entrevistada deixa explícito que a sua prioridade era o sustento dos seus filhos ...

“[...] a gente vem pro garimpo com o sonho de ... ah lá ganha muito dinheiro ... a gente vem com um monte de sonho... aí vou comprar isso... comprar aquilo ... quando eu trabalhava no garimpo eu nunca consegui nada porque era pouco e o ouro era barato ... então mal dava pra mandar pros meus filhos e pra me manter... até porque meus filhos eram menor e eu queria dar pra eles ... tudo o que eles queriam...minha mãe e meu padrasto só vivia de roça meus irmãos sofriam muito mandei dinheiro ... comprou o terreno foi fazendo um barraquinho até hoje mora lá” (T.M nov.2023)

É interessante ressaltar que as experiências individuais dessas mulheres são moldadas por suas realidades específicas e pelas oportunidades disponíveis em seus contextos, mesmo diante de desafios significativos. Suas narrativas são ricas em nuances e carregadas de significados que refletem realidades únicas. É importante destacar a subjetividade desses relatos ao longo do tempo; as entrevistadas relatam experiências de trabalho que variam de dez a vinte anos, mostrando diferenças significativas em relação à atualidade, na qual o garimpo vem perdendo sua imagem de um ambiente inerente e ocluso. A falta de acesso a oportunidades nos seus locais de origem, as condições socioeconômicas desfavoráveis, desigualdades estruturais tornam em alternativas de inserção na área garimpeira. Como esta outra entrevistada relata ...

“[...] é aqui onde mantenho a minha neta, pago plano de saúde pra ela ... mora no Piauí, mantenho na capital no meu apartamento ...graças a Deus eu tiro tudo daqui ... então não posso me queixar né. É o lugar do meu ganha pão onde dá pra me manter e ajudar minha irmã e minha neta.” (F.P, nov.2023)

As motivações não apenas contribuem para a inserção das mulheres no ambiente do garimpeiro, mas também impactam sua permanência. Esse é um aspecto essencial que evidencia como elas adaptaram suas rotinas para lidar com um ambiente majoritariamente masculino, marcado por uma dinâmica social individualista, hostil e, sobretudo, instável. O papel desempenhado pelas as mulheres nos baixões, nos espaços de convivência foi essencial para a transformação em comunidade como as conhecemos atualmente.

DISCUSSÕES

A inserção das mulheres no contexto do garimpo está intrinsecamente ligada à falta de conhecimento sobre essa atividade específica, frequentemente impulsionada por convites de terceiros, sejam eles amigos ou parentes já envolvidos no setor. A

disseminação informal de informações e a propaganda que promete facilidade na obtenção de ouro ou enriquecimento rápido são comuns. Essas mulheres, em sua maioria, ingressam no garimpo por meio desses convites, encarando a experiência como uma espécie de aventura, embora inicialmente carregam certo receio. No entanto, ao se depararem com a realidade do local e conseguirem se adaptar, superam o medo inicial e enfrentam as adversidades inerentes ao ambiente, tais como a falta de comunicação, a distância da família, e a carência de mínimo de conforto.

É importante ressaltar que os garimpos estão localizados em áreas remotas, fechadas pela mata. Atualmente, os barracos possuem acesso à internet e eletricidade, o que representa uma grande diferença em relação às condições precárias que existiam duas décadas atrás. Naquela época, as cozinheiras e outros trabalhadores não tinham esses privilégios e muitas vezes nem mesmo um poço para obter água, sendo necessário carregá-la em baldes de açudes próximos. A rotina dessas mulheres era extenuante, com pouco ou nenhum tempo de descanso; dependendo do número de trabalhadores em cada barraco, elas eram as primeiras a acordar e as últimas a se deitar para dormir.

Mesmo diante dessas condições adversas, as diferentes funções desempenhadas pelas mulheres são fundamentais para a operação dos garimpos. Suas contribuições desempenham um papel crucial na dinâmica do trabalho garimpeiro, evidenciando a importância e a resiliência das mulheres que atuam nesse contexto. A rotina dessas mulheres é extenuante, com quase inexistente período de descanso; dependendo do número de trabalhadores em cada barraco, elas são as primeiras a se levantarem e as últimas a se acomodarem para dormir. As diferentes funções desempenhadas pelas mulheres são fundamentais para a operação garimpeira, apesar das condições adversas.

Um aspecto frequente nas entrevistas realizadas é a queixa acerca da instabilidade inerente ao garimpo, especialmente em um ambiente predominantemente masculino. Algumas mulheres relatam não se sentirem seguras, vendo-se, por vezes, na necessidade de constituir uma união conjugal como uma forma de proteção, pois uma mulher sozinha no garimpo torna-se alvo de provocações. No entanto, os responsáveis pelos barracos costumam estabelecer regras claras, como a de não incomodar a cozinheira além de suas atribuições.

A presença e o papel das mulheres nos garimpos são essenciais para o equilíbrio das relações nesses ambientes. A gestão da cozinha, por exemplo, é uma responsabilidade que recai sobre elas, conferindo-lhes uma autoridade semelhante à de um gerente. As cozinheiras desempenham um papel fundamental na manutenção da

ordem nos barracos, muitas vezes assumindo a função de administração cotidiana que normalmente seria do proprietário. Isso destaca a importância das mulheres não apenas nas atividades produtivas dos garimpos, mas também na organização e no funcionamento geral desses espaços de trabalho. Sobre a relação entre as mulheres e os garimpeiros uma das entrevistadas relata:

“Em todos os anos que trabalhei sempre que eu chegava p’ra trabalhar o dono não queria que se envolvesse com os trabalhador, pra não dar confusão. Então, chegava e chamava os garimpeiros em reunião e falava ... a partir de hoje essa menina que vai trabalhar com a gente e que nenhum de vocês se envolvam com ela ... aí pronto ... me tratavam super bem, nunca deu problema” (I.S nov.2023)

A análise realizada evidencia que o papel das mulheres no garimpo é verdadeiramente imprescindível. O garimpo não é apenas um local de extração mineral, mas um ambiente rico em histórias, especialmente as das mulheres que batalham em prol de suas famílias, tanto nas cidades quanto nos espaços desafiadores dos garimpos, onde constroem novas redes de relacionamento. Essas mulheres moldam suas vidas de maneira única, enfrentando riscos consideráveis, porém sem demonstrar arrependimentos aparentes. Suas jornadas são influenciadas pela imprevisível flutuação do valor do ouro.

Conforme demonstrado nessa pesquisa, as mulheres desempenham não apenas funções laborais simples, mas exercem múltiplas atividades de forma simultânea. Sejam elas cozinheiras, donas de máquinas, vendedoras ambulantes que percorrem diversos barracos ou trabalhadoras em boates, todas enfrentam seus próprios desafios e adversidades. A resiliência e a versatilidade dessas mulheres no garimpo destacam a importância de reconhecer e valorizar suas contribuições multifacetadas para o funcionamento desses espaços tão singulares.

No caso de uma entrevistada, nascida em Macapá, teve uma infância instável. Sua chegada ao garimpo ocorreu ao fugir do pai, que desejava confiná-la a uma relação com um homem de quarenta e dois anos quando ela tinha apenas dez anos. Transitando por lares de terceiros até os dezessete, sem escapatória, ela adentrou a prostituição como último recurso. Atualmente, aos sessenta e seis anos, vive em um baixão, garimpendo junto com o marido. Percorrendo vários estados, exerceu funções como servente, cozinheira, garimpeira e esposa, e hoje pensa em se aposentar ou ter seu próprio restaurante.

Outra entrevistada nasceu, cresceu e formou família dentro do garimpo. Trabalhou

como cozinheira durante mais de uma década como um dos maiores donos de maquinário da comunidade, e hoje afirma que sua vida foi e é tranquila.

Uma terceira entrevistada, originária de Monte Alegre, ajudava o pai na roça desde pequena. Tornou-se mãe solteira aos dezessete anos e, trabalhando como doméstica, adentrou o garimpo. Como cozinheira, recebia 80 gramas de ouro mensais, das quais enviava 50 gramas para casa, ajudando a mãe que cuidava de seu filho. Trabalhou em um prostíbulo por três meses até conseguir uma vaga de cozinheira em um baixão. Atualmente, enquanto os filhos mais velhos moram na cidade, ela tem renda proveniente de seu próprio restaurante, onde cria a filha mais nova de quatro anos.

Outra entrevistada, proveniente de Guajará-Mirim, vivia da extração de borracha e sonhava em conhecer vários lugares. Aventurou-se e se viu trabalhando como cozinheira em um restaurante em Itaituba, incentivada por uma amiga que afirmava que era um bom lugar para ganhar dinheiro. Hoje, ela é servidora pública do município, trabalhando como servente em uma escola da comunidade. É mãe e não pensa em voltar para seu estado natal, mas sim em se estabelecer no município de Jacareacanga com seu filho, que depende dela.

Uma outra entrevistada, nascida em Itaituba e professora de profissão, descobriu que no interior se ganhava mais. Após dois anos trabalhando em escolas de aldeias indígenas, foi transferida para a comunidade vizinha de Porto Rico. Temendo o local, pediu à secretaria de educação para ser transferida para São José, por acreditar nos boatos de que seria mais pacífica. Atualmente, trabalha como coordenadora da escola, é casada com um garimpeiro e afirma que seus planos são voltar a morar na cidade.

Outra entrevistada, oriunda de Agricolândia, no Piauí, recentemente separada, aceitou o convite da irmã para conhecer o garimpo. Vendia espetinhos e lanches no auge do "bamburro" do Ouro Roxo e então montou seu próprio bar, de onde vive atualmente. Mesmo após vinte anos, o sonho de se estabelecer no Piauí permanece.

Percebe-se um elo comum entre essas mulheres: a busca por rentabilidade. Seus sonhos as levaram para um único lugar, onde estão em transição à espera de um resultado melhor para o futuro. No entanto, não há garantias de tal futuro, pois isso não depende delas, mas do próprio ritual chamado garimpo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os relatos das diversas entrevistadas demonstram a riqueza e complexidade das

histórias de vida das mulheres que atuam no garimpo. Cada uma traz consigo uma trajetória marcada por desafios, superações e a busca por melhores condições de vida. A diversidade de experiências vividas por essas mulheres reflete a pluralidade de caminhos trilhados em meio a um ambiente tão peculiar como o garimpo. É notável como essas mulheres enfrentaram adversidades, como violência doméstica, instabilidade familiar e dificuldades financeiras, buscando soluções em um contexto muitas vezes hostil. Suas escolhas e ações refletem não apenas a necessidade de sobrevivência, mas também a resiliência e a capacidade de reinvenção diante das circunstâncias adversas. A busca por rentabilidade e por um futuro melhor é um fio condutor que conecta essas histórias, evidenciando o desejo comum de construir uma vida mais estável e próspera. No entanto, como mencionado, o resultado desse esforço muitas vezes está sujeito às incertezas inerentes ao próprio universo do garimpo, onde as condições econômicas e sociais são instáveis e imprevisíveis.

Essas mulheres merecem ser reconhecidas não apenas por suas múltiplas habilidades e esforços, mas também pela resiliência e determinação que as impulsionam a seguir em frente, enfrentando os desafios diários com coragem e esperança em dias melhores. Suas histórias são um testemunho da força feminina e da capacidade de transformação mesmo em meio a circunstâncias adversas. É muito importante refletir sobre a necessidade de políticas públicas que promovam a igualdade de gênero e melhorem as condições de trabalho e qualidade de vida das mulheres envolvidas na extração de ouro.

O papel das mulheres nessas comunidades é fundamental para a sustentabilidade e o desenvolvimento local, por isso é essencial garantir que tenham acesso a condições dignas de trabalho e a oportunidades de crescimento. Além disso, é crucial considerar o contexto em que essas mulheres se encontram, as pressões econômicas e sociais que as levam a ingressar nesse setor e as dificuldades que enfrentam diariamente. A instabilidade do trabalho no garimpo torna ainda mais urgente a implementação de medidas que garantam melhores condições para essas trabalhadoras. A coesão social dentro dessas comunidades também é um fator relevante, e o papel das mulheres nesse contexto merece ser valorizado e apoiado. É fundamental promover a conscientização sobre essas questões e buscar soluções que contribuam para a inclusão e o bem-estar das mulheres garimpeiras.

REFERÊNCIAS

BRITO, Marianna Fernandes S. de. **Mulheres e Mineração no Brasil**. Instituto de Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas, Rio de Janeiro.

CASTILHO; Zuleica C.; CASTRO, Nuria Fernández (org.). **Gênero e Trabalho Infantil na Pequena Mineração: Brasil, Peru, Argentina, Bolívia**. Rio de Janeiro: CETEM/CNPQ, 2006. Disponível em: <ftp://ftp.mct.gov.br/Biblioteca/11231-Genero_trabalho_infantil.pdf>. Acesso em 6 set.2016.

FIRME, Rodrigo Penna; PINHO, Joana Roque de. **Um antropólogo brasileiro na Guiné-Bissau**. Revista de Pós-Graduação em Geografia da PUC, ano 5, nº 9, jan-jun, 2014.

MENDES, L.M.C.; BARBOSA, N.G.; CARBOGIM, F.C.; RIBEIRO, D.K.; SILVA, A.M.; PINHEIRO, A.K.M.; GOMES-SPONHOLZ, F.A. **Vulnerabilidades para o adoecimento de mulheres em garimpos na fronteira do Escudo das Guianas**. Rev. Escola da Enf. USP, 2023.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever**. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 1996, v. 39, nº 1.

RODRIGUES, Rita Maria. **Mulheres de ouro: o trabalho feminino nos garimpos**. Governo do Estado do Pará, Belém, 1992.

SANTOS, Adriana Gomes. **Garimpeiros, “quando a cobra tá fumando”: Condições de vida e de trabalho nos garimpos em Roraima (1975-1991)**. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

TEDESCO, Leticia da Luz. **No trecho dos garimpos: mobilidade, gênero e modos de viver na garimpagem de ouro amazônica**. Amsterdam, 2015.

VERDUM, Ricardo. **O extrativismo mineral do ouro e os direitos indígenas ameaçados**. IWGIA, 2022